

MACHADO DE ASSIS E OS ARES DE *BONS DIAS* NO EMBATE DE *PAI CONTRA MÃE*

Eliana Pereira de Carvalho¹

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a verificar a temática da escravidão no Brasil através de dois textos de Machado de Assis. O primeiro é a crônica *19 de maio de 1888*, da série *Bons dias!*, veiculada na Coleção Melhores Crônicas: Machado de Assis, cuja seleção e prefácio é de Salete de Almeida Cara. O outro é o conto *Pai contra Mãe*, inserido no livro *Relíquias da Casa Velha*, de 1906. As obras em questão oferecem um panorama da situação escravocrata na passagem do Brasil Império para o Brasil República e a atuação de forças contrárias no circuito da escravidão da época.

Palavras-chave: Machado de Assis. Bons Dias. Pai contra Mãe. Escravidão.

Introdução

Desnecessário se faz falar sobre Machado de Assis (Rio, 1839-1908), devido a considerável projeção que o escritor apresenta na literatura brasileira, mas não somente nela, tendo em vista a sua representatividade na denominada literatura ocidental. Harold Bloom, por exemplo, em sua obra *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura* (2003), no desejo afã de “definir, da melhor maneira possível, a genialidade específica” (BLOOM, 2003, p. 11) de cem escritores, cuja lista, segundo o autor, “não encerra, em absoluto, ‘os 100 melhores’, na avaliação de quem quer que seja, inclusive na [de Bloom]” (Ibid., p. 11), coloca Machado de Assis ao lado do francês Gustave Flaubert, do português Eça de Queirós, do argentino Jorge Luís Borges e do italiano Ítalo Calvino como um dos “cinco mestres da ficção que [...] podem ser considerados ironistas trágicos” (Ibid., p. 667).

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus CAMEAM. E-mail: elianapcarvalho15@gmail.com.

É claro que, levando em consideração os questionamentos em torno da indeterminação de critérios de escolha para a formação de um cânone literário, fazer parte de um deles poderá ou não ser sinônimo de excelência literária. No caso, de Machado de Assis, no entanto, torna-se difícil negar esse predicativo. Ao esquematizar a literatura brasileira em três etapas: a era das *manifestações literárias*, a da *configuração do sistema literário* e a do *sistema literário consolidado*, Antonio Candido (1999) coloca a obra desse renomado autor como sintomática para denominação de uma nova fase da literatura, a de amadurecimento. Com a obra de Machado de Assis, de acordo com Candido (1999, p. 52):

[...] podemos considerar como configurado e amadurecido o *sistema literário do Brasil*, ou seja, uma literatura que não consta mais de produções isoladas, mesmo devidas a autores eminentes, mas é atividade regular de um conjunto numeroso de escritores, exprimindo-se através de veículos que asseguram a difusão dos escritos e reconhecendo que, a despeito das influências estrangeiras normais, já podem ter como ponto de referência uma tradição local.

Na contramão de críticos que estudaram Machado de Assis, Candido (2011, p. 15), enfatiza “a normalidade exterior e a relativa facilidade” da vida pública deste escritor, uma vez que ‘O Bruxo do Cosme Velho²’, alcunha recebida por Machado de Assis, teve uma “carreira plácida” e a questão da cor e da condição social não parecem ter sido entraves para que fosse aceito na restrita elite de seu tempo. Ademais, segundo Candido (2011, p. 16):

Se analisarmos a sua [de Machado de Assis] carreira intelectual, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele.

² O epíteto ‘Bruxo do Cosme Velho’, consagrado a Machado de Assis, ganhou notoriedade no meio literário após a publicação do poema *A um bruxo, com amor*, inserido no livro *A vida passada a limpo*, de Carlos Drummond de Andrade, em 1959. No poema, Drummond faz referência à casa da rua Cosme Velho, no Rio de Janeiro, onde morou Machado de Assis.

Deixando de lado o inegável reconhecimento literário de Machado de Assis e a constatação de que este teve uma vida sem grandes contornos íngremes, apesar de sua condição de mulato em um país que transitava entre a escravidão e a luta abolicionista.

Um dos aspectos marcantes da obra de Machado de Assis é sua atemporalidade, é a sua “despreocupação com as modas dominantes” (CANDIDO, 2011, p. 22); o que fez com que o escritor produzisse uma obra capaz de responder aos anseios de públicos que vão além de seu tempo, compactuando com eles as angústias que acompanham a alma humana e os temas recorrentes da sociedade brasileira e, em alguns casos, da humanidade em geral. Candido (1999, p. 53) assinala que a obra de Machado de Assis “tem, sobretudo, a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se se dirigisse a cada época que surge”.

A universalidade de Machado de Assis é também enfatizada por Roger Bastide quando, aos seus alunos da Universidade de São Paulo, comparando este escritor a Euclides da Cunha, dizia que: “o ‘mais brasileiro’ não era Euclides da Cunha’ — o ornamental, para inglês ver; mas Machado de Assis, que dava universalidade ao seu país pela exploração, em nosso contexto, dos temas essenciais” (BASTIDE *apud* CANDIDO, 2011, p. 22). Bloom é mais um crítico literário que destaca essa universalidade do ‘velho bruxo’ quando comenta o espanto que teve ante a escrita de Machado de Assis, sobretudo por ser ele afrodescendente. Diz Bloom (2003, p. 688):

Eu já havia lido e me apaixonado por sua obra [de M.A.] especialmente *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, antes de saber que Machado era mulato e negro de escravos, em um Brasil onde a escravidão só foi abolida em 1888, quando o escritor estava com quase 50 anos [...]. Ao ler Machado de Assis, presumi, erroneamente, que fosse o que chamamos ‘branco’.

Se por um lado o aspecto universal da obra de Machado de Assis serve para revelar a grandiosidade da obra deste escritor; por outro, parece condená-lo à alienação, colocando-o como escritor distanciado das preocupações que acompanhavam o contexto de sua época e, principalmente, dos tormentos enfrentados por seus contemporâneos afrodescendentes; ou até da afirmação de sua descendência. A escrita de Machado de

Assis chega a receber o *status* de europeia, como se a etnia fosse critério para guiar a linguagem e o conteúdo de determinada escrita.

Em defesa do escritor, José Veríssimo, contemporâneo e próximo de Machado de Assis, em sua *História da Literatura Brasileira* (1916), apresenta-o como um ser ativo e atuante, preocupado com os desmandos e excessos de seu tempo, embora polido e comedido. O crítico relata, entre outros aspectos de Machado de Assis, sua participação na construção de uma crítica como ofício literário, injetando novas ideias à literatura brasileira, e também sua busca por uma originalidade, que o afastava de seus escritores contemporâneos no tocante à necessidade de uma linguagem e técnica pessoais, embora não renunciasse a uma observação detalhada do contexto da sociedade vigente. (VERÍSSIMO, 1916).

Ventura (1991) sintetiza a relação existente entre José Veríssimo e Machado de Assis para o projeto de uma literatura brasileira. De acordo com o autor (1991, p. 119), “Veríssimo libertou a literatura do imediatismo político e da representação nacionalista, o que tornava possível a reflexão sobre a sua singularidade [da literatura brasileira]”. Juntos, José Veríssimo e Machado de Assis, “pensaram a literatura brasileira como expressão nacional dotada de caráter universal e propuseram uma consciência estética, relacionada à profissionalização do escritor” (VENTURA, 1991, p. 119).

Todos esses fatos coadunam para explicar a universalidade da obra de Machado de Assis, absolvendo-o de sua aparente neutralidade. Todavia, será que isso o redime da negação no tocante à sua ancestralidade africana, à sua afrodescendência e ao silenciamento da temática da escravidão em seus escritos? De antemão, pode-se dizer que sim, uma vez que Machado de Assis foi antes de tudo um observador do humano, principalmente o de seu tempo, e, dessa forma, a temática da escravidão não escaparia a sua veia literária.

Conforme Soares (2012, p. 1):

[Muitos dos estudiosos de Machado de Assis] acusavam o escritor de assumir uma postura indiferente diante do seu contexto histórico, silenciando-se sobre as questões políticas, científicas e sociais de seu tempo. Hoje, já superado tal posicionamento, mais que identificar as matérias eleitas por sua sensibilidade crítica, resta-nos compreender, em profundidade, a técnica de composição discursiva que o possibilitou tecer um juízo crítico requintado e contundente diante do

comportamento cambiante das classes sociais brasileiras, cuja identidade ainda mal se esboçava.

Dessa forma, o presente trabalho propõe-se a essa compreensão no que concerne ao tratamento da temática da escravidão do Brasil através de dois de seus escritos. O primeiro é a crônica *19 de maio de 1888*, da série *Bons dias!*, veiculada na Coleção Melhores Crônicas: Machado de Assis, cuja seleção e prefácio é de Salete de Almeida Cara. O outro é o conto *Pai contra Mãe*, inserido no livro *Relíquias de Casa Velha*, de 1906.

Da crônica ao conto: *Bons dias* para o embate de *Pai contra Mãe*

As crônicas que Machado de Assis escreveu ao longo de sua vida sugerem uma quantidade que ultrapassa seiscentos escritos, com publicações em diversos jornais do Rio de Janeiro. A série *Bons Dias!*, que totaliza 49 crônicas escritas no período de 05 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, foi publicada no Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. (SOARES, 2012).

Segundo Renata Figueiredo Moraes, em seu artigo *As relíquias literárias de Machado de Assis* (2010), a excepcionalidade da coletânea *Relíquias de Casa Velha* reside no fato de que, além de ser a última da carreira do escritor, esta apresenta um maior número de contos inéditos e as impressões do autor sobre assuntos não ficcionais, entre eles a escravidão, como é o caso de *Pai contra Mãe*.

Na primeira crônica da série *Bons Dias!*, o narrador-cronista se coloca como tendo o ofício de relojoeiro e, pelo fato de os relógios não possuírem mais uma sincronia perfeita, ele descrê do ofício, restando-lhe, nesse caso, a “alternativa de ir à fava ou ser escritor”, preferindo ele “o segundo alvitre; é mais fácil e vexe menos³”. Deixando de lado a ironia machadiana desse excerto, a crônica em questão, *19 de maio de 1888*, ressalta o compromisso político-social assumido pelo Machado de Assis cronista, o de atuar através da escrita.

Nessa crônica, ouvimos ecoar a voz de um senhor de escravos que, antes mesmo da promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio do referido ano, trata de dar a alforria ao

³ Disponível em < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macrl1.pdf>>. Acesso em: 16 set 2016.

seu escravo Pancrácio⁴. O nome da personagem já é em si uma ironia machadiana, pois o termo representa uma luta marcial da Grécia antiga que consistia na desistência de um dos dois oponentes pelo cansaço. Vejamos o trecho inicial:

Eu pertengo a uma família de profetas *après coup, post facto*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário fôr, que tôda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar. (ASSIS, 2006, p. 150).

Pela citação, percebemos a crítica ao modelo de abolição dos escravos, ratificada através de uma lei, cujo propósito já se mostrava desnecessário diante da iminente libertação dos escravos, que se daria em detrimento da lei. Outro fato que reforça essa crítica é o nome dado ao escravo, Pancrácio. Quando o sistema da escravidão já se mostrava deficiente, declarar a abolição era a única saída, já que o ato em si daria ao poder dominante ares de benfeitor. Então alforriar simplesmente era pouco, necessário seria registrar isso na história como um ato nobre, assim faz o senhor de escravo da crônica, representação de Portugal.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. (ASSIS, 2006, p. 150).

⁴ Arte marcial da Grécia antiga e esporte gladiatório, o pancrácio era uma fusão de técnicas de luta, que incluíam a luta grega, boxe, estrangulamento, chutes, golpes e técnicas de travamento das articulações. Na verdade, o pancrácio só não permitia morder, arranhar e arrancar o olho do oponente – tudo o mais era considerado legal na competição. O termo pancrácio vem do grego “pancratium”, que significa “cerco total” ou “poderes totais”. Disponível em <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=239>>. Acesso em: 16 set 2016.

Utilizando a língua francesa, que decretou o lema iluminista — Liberdade, igualdade, fraternidade — Machado de Assis refina a ironia problematizando o fato de que esses ideais não contemplaram, em terras brasileiras, o escravo, reificando-o e destituindo-lhe o aspecto humano. A hipocrisia da sociedade colonial escravocrata se configura na ornamentação do discurso e no ato solene da suposta alforria, bem como no servilismo do escravo que ainda agradece o ‘benefício’ recebido.

Pancrácio recebe a alforria, deixa de ser propriedade do senhor de escravos: “Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que ...” (Ibid., p. 151). A liberdade dada ao negro escravo, no entanto, naquele momento de abolição da escravatura, era apenas documental, pois a impossibilidade de sobreviver sem os amparos do senhor de escravos não dotava o negro liberto de outra saída que não fosse continuar o servilismo a que estava acostumado.

Dessa forma, Pancrácio permanece nos poderes do antigo senhor na condição de homem livre. Essa condição, porém, não lhe destitui dos tratamentos inerentes a sua anterior condição de escravo. O narrador-cronista relata: “Pancrácio aceitou tudo, aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por não escovar bem as botas; efeitos da liberdade” (Ibid., p. 151). A negligência do homem livre, reprimida e castigada no escravo, é repreendida como sintoma da audácia adquirida pelos ‘efeitos da liberdade’; audácia que deve ser contida desde o início para que a condição de subalternidade continue na nova relação servil.

A crônica finaliza-se com a voz do antigo senhor de escravo expressando o desejo de se tornar deputado, utilizando como campanha eleitoral a sua ação benfeitora de libertar seu escravo e de dar a ele, possivelmente, as condições necessárias de sobrevivência após a escravidão. Ao final, o narrador-cronista enfatiza também o fato de que o escravo, como propriedade privada, deveria receber a liberdade de seu proprietário e não do poder público:

[...] os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu. (Ibid., p. 151).

Antecipando-se ao poder público, o ex-senhor de escravo reafirma seu domínio. De acordo com Chalhoub (1989, p. 138): “Um dos pilares da política de controle social na escravatura era o fato de que o ato de alforriar se constituía numa prerrogativa exclusiva dos senhores [de escravos]”.

A crônica de Machado de Assis destaca a decadência do sistema de escravidão na segunda metade do século XIX no Brasil, revelando a relação liberdade de escravos x defesa da propriedade privada, diante dos acontecimentos deflagrados pela abolição da escravatura. Chalhoub, em *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte* (1989), embora centralize a análise da crônica na “continuação da exploração, a abolição como um não-fato do ponto de vista das relações sociais” (Ibid., p. 139), destaca uma faceta da crônica não abordada aqui, mas que se deixa entrever na leitura do texto de Machado de Assis: “a questão das lutas dos negros pela liberdade”.

O conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, em consonância com a crônica supracitada, interpela também a temática da escravidão, embora não em uma época de abolição da escravatura, mas anterior a esta. Se na crônica vemos tempos simultâneos entre escrita e acontecimentos narrados, como é próprio do gênero; no conto, há uma discrepância entre esses dois elementos, uma vez que, conforme Moraes (2010, p. 186): “A história se passa no Império, no período da escravidão, mas a escrita é posterior”. Podemos observar isso a partir da inicialização da história, quando o narrador se propõe a descrever os ofícios e aparelhos do sistema escravocrata, inclusive a função de cada um, dando uma visão dos castigos impetrados aos escravos, em decorrência de todo tipo de supostos delitos, entre eles, e especialmente, o da fuga; por ser este delito o núcleo que movimentará a narrativa.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. (ASSIS, 1994, p. 2).

A fuga de escravos era uma anomalia do sistema que precisava ser sanada, pois atentava contra a garantia da propriedade, o escravo. Assim, além de receber o castigo, o escravo fujão recebia uma espécie de estigma que o marcaria, servindo para atenuar

futuras tentativas de fuga. A reincidência era por si só uma confirmação de que não havia um deliberado aceite do negro à escravidão e que a resistência era uma frequente. Dessa forma, ao contrário do que se tornou comum afirmar, a escravidão do negro não foi passiva e o servilismo não lhe era uma característica inata. Isso é ressaltado quando o narrador-contista relata que: “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão” (ibid.). O verbo gostar soa aqui como eufemístico diante da condição degradante da escravidão.

Adiante, o narrador-contista apresenta as configurações da fuga de escravos: uns apanhavam ou eram apenas repreendidos por benevolência de alguém da ‘casa grande’⁵ ou do próprio senhor de escravo. Com a captura, em função de preservar a propriedade que era o escravo, resguardando seu corpo (símbolo da propriedade), havia uma moderação no castigo. As fugas às vezes aconteciam, como o narrador-contista cita, a partir da chegada do negro africano no Brasil, no ato da negociação, atestando assim a violência perpetrada pela escravidão que consistia na desterritorialização⁶ deste. Muitos escravos, para atenuar a condição de servilismo, submetiam-se a garantir um valor em dinheiro a seu senhoril, mediante seu trabalho, “quitandando”, estabelecendo, dessa forma, uma pretensa liberdade, já que não se submeteria diretamente ao jugo de seu senhor.

Devido às fugas, entre os anúncios de aluguel e de venda de escravos, figuravam o de recompensas a quem os recuperasse. Nesses anúncios, o escravo era descrito como mercadoria, como este exemplo: “Uma escrava de nome Francisca de nação rebola, idade de 25 anos, estatura ordinária, beiços grossos e um sinal na testa como um círculo de um vintém, fugiu em março. Quem a trouxer dirija-se a rua do Cotovelo n ° 70, que ganhará boas alvissaras⁷”. Na época da escravidão:

[...] pegar escravos fugidios era um ofício do tempo [...]. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma

⁵ Cada uma das casas senhoriais construídas no Brasil pelos colonizadores portugueses ou casa residencial de um engenho de açúcar ou de uma fazenda. Disponível em < <http://www.priberam.pt/dlpo/casa-grande>>. Acesso em 17 set 2016.

⁶ Segundo Walter (2009, p. 51), a desterritorialização “é um duplo signo de perda e sofrimento, assim como de potencialização que aloja a reterritorialização, ou seja, a capacidade de transformação enquanto oportunidade de escolher novas posições de sujeito e formas de vida”.

⁷ Anúncios de escravos: os classificados da época. Disponível em < <http://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/#gs.R=Q48d8>>. Acesso em 17 set 2016.

vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (ASSIS, 1994, p. 3).

Diante da relação escravo fugitivo x ofício de captura de escravos, o conto *Pai contra Mãe* apresenta duas personagens emblemáticas para compreensão do título do conto, a escrava Arminda e o capitão do mato Cândido Neves/Candinho. De acordo com Bezerra (2004):

[capitães do mato] geralmente são homens livres pobres que trabalhavam em favor dos interesses patrimoniais dos senhores. Na verdade, [...] homens livres de cor, geralmente escravos libertos, que se prontificavam a participar da repressão institucionalizada contra a fuga de escravos, sendo estratégicos para isso justamente porque conheciam a região e as táticas de fuga. Portanto, os capitães do mato eram agentes sociais ambivalentes, cuja presença era notada, suportada ou utilizada pelas autoridades, havendo várias possibilidades de ação, conforme a configuração dos interesses, poderes e necessidades de cada localidade.

Apesar de Bezerra caracterizar o ‘capitão do mato’ geralmente como escravo liberto, o autor também relata que entre os sete processos por ele estudados, “apenas um deles identifica o candidato como negro liberto” (Ibid.); o que nos leva a crer que o ofício de capitão do mato não era uma exclusividade de ex-escravos, mas também de “homens pobres livres” (Ibid.).

No conto, o narrador não relaciona Cândido Neves à condição de escravo liberto e nem dá a ele as características de homem de cor. Conforme o narrador, Candinho “cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos” (ASSIS, 1994, p. 3), após se desfazer de inúmeras outras oportunidades bem mais vantajosas e remuneradas, em função de sua inabilidade para suportar emprego ou ofício.

Entretanto, se há uma lacuna no conto em relação às características físicas e/ou às origens tanto de Candinho como de Clara, seu par amoroso na trama, fica aberto o campo da dúvida e, dessa forma, abre-se a possibilidade de não encararmos o casal como “brancos, assim como seus nomes” (MORAES, 2010, p. 187). Ainda mais, se considerarmos a ironia exposta no seguinte excerto: “A alegria era comum aos três

[Cândido Neves, Clara e tia Mônica]. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam de rir, e o riso digeriu-se sem esforço”. (ASSIS, 1994, p. 3).

É provável que o riso provindo dos nomes se relacionasse ao contraste estabelecido por estes e suas características físicas. O certo é que, escravo ou homem livre, a pobreza era um estado constante na vida de Cândido Neves e de Clara, fato que, segundo Duarte, em *Memórias Póstumas da Escravidão* (2008), ressalta o contexto de violência sistêmica instituída pelo trabalho forçado, que contaminava toda a sociedade escravagista da época e afetava tanto negros quanto brancos.

Pela questão do nome é possível pegarmos o caminho para elucidarmos as razões do título. O termo ‘cândido’ direciona-se aos aspectos de extrema alvura ou brancura, assim como ‘neves’ e ‘clara’. O termo cândido, por sua vez, ainda se remete a ser imaculado, ingênuo, sem malícia ou maldade. Considerando-se o binômio ofício de captura de escravos de Cândido Neves e o nome que lhe foi conferido por Machado de Assis, percebemos um contraste que revela a ironia machadiana que vai conduzir a narrativa para seu ápice: a captura de Arminda por Cândido Neves.

O ponto crucial do conto *Pai contra Mãe* é o momento em que Cândido Neves avista Arminda e vislumbra a oportunidade de não entregar seu filho à Roda dos enjeitados⁸: “Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme” (ASSIS, 1994, p. 7).

Até este momento da narrativa, a focalização se concentrara nas circunstâncias da vida de Cândido Neves, encaminhando-o para o instante em que este pega o filho pelos braços em direção à Roda dos enjeitados. É aqui que ele se depara com a oportunidade que esperava para livrar-se de suas dívidas, libertando o filho do infeliz destino, ou seja, a captura de Arminda. Nesse momento, ele trata de resguardar a segurança do filho, entregando-o ao farmacêutico e sai no encalço de Arminda.

⁸ A roda dos enjeitados – local onde as crianças eram colocadas para doação – era um processo civilizador em uma sociedade que não considerava o infanticídio crime. O Brasil passou a adotar a roda dos enjeitados como uma herança do reino português. O primeiro registro de que se tem notícia de uma Casa de Enjeitados no país é na capital baiana, Salvador (1726); depois aparece uma no Rio de Janeiro (1738) e outra no Recife (1791). MILAN, Pollianna. *Um abrigo para bebês abandonados*, 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/um-abrigo-para-bebes-abandonados-bz3wyr2ezy5uwepk6fn338d3i>>. Acesso em: 18 set 2016.

Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus. — Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! (Ibid., p. 7).

Não podemos deixar de verificar nesse excerto o silenciamento ao qual era relegado o escravo, uma vez que o narrador explicita o fato da escrava Arminda chegar “a soltar alguma voz mais alta que de costume” e a resistência do negro à escravidão, tendo em vista a fuga mesmo estando grávida. E, ainda, o desejo imenso de proporcionar, com a fuga, a possibilidade de o filho já nascer livre dos sofrimentos da escravidão.

O apelo que Arminda faz acaba gerando uma dupla circunstância. Por um lado, a “mulata fugida” pretende angariar a sensibilidade de Cândido Neves, mediante a possibilidade de ele possuir filhos. Ela percebe que há entre ela e Cândido Neves uma semelhança em relação à condição social e servil e explora isso em seu favor, procurando fazê-lo sensível a seu drama e ao drama do rebento prestes a nascer sob o signo da escravidão. Cândido Neves, por sua semelhança com Arminda, teria condições de perceber a dor da escrava fugida, dando-lhe o advento da continuação da fuga. Porém, por outro lado, é exatamente por ter ele filhos que o argumento de Arminda se invalida. Nada que ela pudesse propor, seus eternos serviços, poderiam se comparar à liberação do filho de Cândido Neves de seu destino certo e, assim, Arminda é levada a seu senhor:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. (Ibid., p. 7).

O título do conto, *Pai contra Mãe*, fica assim explicado, mas a profundidade daquilo que Machado de Assis coloca em cena é o embate entre as duas classes presentes no Brasil Império, do início da segunda metade do século XIX; ou seja, a classe dos homens livres e a dos escravos. O conto de Machado de Assis nos situa nesse período, tendo em vista o trecho: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência” (ASSIS, 1994, p. 2), e o ano de publicação da coletânea *Relíquias de casa velha* (1906).

Os escravos dessa época viviam na expectativa da liberdade. A cessação do tráfico negreiro já era um imperativo desde 1831 e, em 1850, para exigir que a lei de 1831 fosse cumprida, foi promulgada a lei Eusébio de Queiroz, equiparando o tráfico de escravos ao crime de pirataria. Em 1855, o tráfico de escravos já era tido como efetivamente extinto para as autoridades brasileiras e inglesas e a resistência escrava pelo fim do cativo se tornava mais intensa.

Em outras palavras, o sistema escravocrata dava seus últimos suspiros e o levante de escravos assombrava a população do Rio de Janeiro, onde o conto se passa. As fugas eram constantes, como ratifica a narrativa, devido exatamente a atual conjuntura da época. Em contrapartida, em face da ilegalidade do tráfico de escravos, o preço pela captura de negros fujões aumentava consideravelmente. A lei do ventre livre ainda não tinha sido instituída, mas o desejo de ver o filho nascer livre já brotava no coração de muitas escravas como Arminda.

Nesse período, segundo Chalhoub (1989, p. 303), houve um acréscimo substancial no número de entradas de portugueses em busca de oportunidades de trabalho, não encontradas em seu país. Concomitante a isso, crescia o número de escravos libertos e a taxa de natalidade entre brasileiros livres aumentava. O inchaço populacional associado a uma política econômica de moldes coloniais acentuava o grau de miséria social de muitos homens livres como Cândido Neves.

Dessa forma, equiparados no servilismo ao senhor de escravos, o embate entre Arminda e Cândido Neves se opera pelos mesmos motivos, a liberdade do filho. De um lado, Arminda luta por dar ao ser que cresce em seu ventre a liberdade tão sonhada e tantas vezes requisitada pelas constantes fugas. De outro, Cândido Neves luta por dar ao filho recém-nascido a liberdade de uma vida melhor, diferente daquela reservada às crianças suprimidas pela Roda dos enjeitados.

De uma forma ou de outra, tanto a escrava, Arminda, como o homem livre, Cândido Neves, são aprisionados pelo mesmo sistema escravocrata que suga sua vitalidade e liberdade. Infelizmente, na luta pela sobrevivência e pela busca da liberdade uma coisa é certa: “— Nem todas as crianças vingam”, nem todas resistem ao sistema. No final, vemos um Cândido Neves que se contenta em constatar o óbvio, a naturalidade da morte diante da vida que deve prosseguir.

Considerações finais

Nossa proposta aqui foi identificar, entre as matérias eleitas pela sensibilidade crítica de Machado de Assis, a temática da escravidão na crônica *19 de maio de 1888*, da série *Bons dias!*, e no conto *Pai contra Mãe*, da coletânea *Relíquias de Casa Velha*, de 1906, verificando nas obras escolhidas a técnica de composição discursiva auferida ao tema em questão.

A crônica nos deu uma demonstração da já conhecida ironia machadiana construída através do ataque de um narrador-cronista às hipocrisias dos senhores de escravos perante um sistema de escravidão que se esvaia e cujo percurso já sinalizava seu fim. Nas figuras do senhor de escravos e de Pancrácio, verificamos as metáforas do dominador e do dominado e conseguimos perceber o palco montado da encenação abolicionista, que em termos sociais não aconteceu, bem como a política de dominância do senhor de escravo em não aceitar a interferência do poder público na liberação de sua propriedade, o escravo.

Já o conto, com uma diferença temporal em relação à crônica, apresenta o sistema escravocrata antes da assinatura da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, direcionando-se para o início da segunda metade do século XIX. No conto, a ação narrativa traz à cena Arminda e Cândido Neves, atores sociais que divergem no que tange à posição que ocupam na sociedade: escrava e capturador de escravos (ou capitão do mato), mas que convergem no que se refere ao sistema de aprisionamento de miséria e ausência de liberdade em que se encontram.

A leitura dessas duas obras de Machado de Assis nos permitiu visualizar a participação ativa deste autor, por intermédio de sua escrita, no processo de construção da sociedade brasileira do século XIX, revelando as fissuras do sistema e propondo reflexões através de uma ironia bem articulada e incisiva. Pelas obras analisadas,

tivemos um panorama da situação escravocrata na passagem do Brasil Império para o Brasil República, verificando as forças contrárias que atuavam no circuito da escravidão daquela época.

Referências

ASSIS, Machado de. 19 de maio de 1888: Série Bons Dias!. In: *Melhores Crônicas*. Direção de Edla van Steen, seleção e prefácio de Salete de Almeida Cara. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. Pai contra Mãe. In: *Relíquias de casa velha*. 1994. Disponível em: <http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm>. Acesso em 07 jun. 2016.

BEZERRA, Nielson Rosa. *Entre Escravos e Senhores: a ambigüidade social dos capitães do mato*. Revista Espaço Acadêmico, n. 39, Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/039/39ebezerra.htm>>. Acesso em 17 set. 2016.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Tradução: José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. 1989. 441 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/Campinas, São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000043257>>. Acesso em: 16 set. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Memórias Póstumas da Escravidão*. O Eixo e a Roda: Revista Eletrônica de Literatura Brasileira, vol. 16, p. 75-81, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3278>. Acesso em 17 set. 2016.

MORAES, Renata Figueiredo. *Pai contra mãe: a permanência da escravidão nos contos de Machado de Assis*. 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba, maio de 2009. Disponível em: <<http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos4/renatamoraes.pdf>>. Acesso em 17 set. 2016.

_____. *As relíquias literárias de Machado de Assis*. Tempo e Argumento: Revista da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, vol. 2, n. 2, p. 182-199, julho-

diciembre, 2010. Disponível em <
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180302022010182>>.
Acesso em: 16 set. 2016.

SOARES, Ivanete Bernardino. *O ethos narrativo em Bons Dias!, de Machado de Assis*. Machado de Assis em linha: Revista Eletrônica da Fundação Casa de Rui Barbosa-CNPQ/FAPERJ, vol. 5, n. 10, p. 102-121, Rio de Janeiro, dezembro de 2012. Disponível em: <
http://machadodeassis.net/revista/numero10/rev_num10_artigo08.asp>. Acesso em 17 set. 2016.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. 1915. Disponível em: <
objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

WALTER, Roland. Transferências interculturais: notas sobre transcultura, diáspora e encruzilhada cultural. In: WALTER, Roland. *Afro-américa: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

MACHADO DE ASSIS AND THE ARES OF GOOD DAYS IN THE EMBATING OF FATHER AGAINST MOTHER

ABSTRACT

The present work proposes to verify the thematic of the slavery in Brazil, through two texts of Machado de Assis. The first is the chronicle “19 de maio de 1888”, from the series “Bons dias!”, included in the “Coleção Melhores Crônicas: Machado de Assis”, whose selection and foreword is by Salete de Almeida Cara. The other text is the late “Pai contra Mãe”, inserted in the book “Relíquias da Casa Velha”, 1906. The literary works in question offer an overview of the slave situation in the passage from Brazil Empire to Brazil Republic and the performance of opposing forces in the slavery circuit of time.

Keywords: Machado de Assis, Bons Dias!, Pai contra Mãe, Slavery.

Recebido em 16/11/2016.
Aprovado em 01/02/2017.